

VISITA I ECA
27. JUL. 1971

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

PROPRIEDADE DA SOC. NACIONAL DE TIPOGRAFIA

1971
1 de Julho

Director: **Guilherme Pereira da Rosa**
Editor: **Eduardo Figueiredo Júnior**

Redacção, administração e oficinas:
R. de «O Seculo», 41 a 63—LISBOA

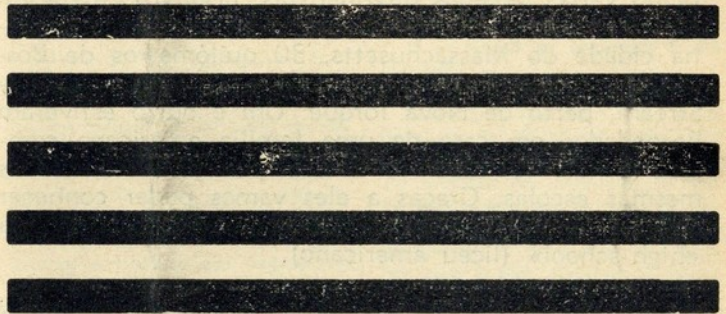
NÚMERO 1035
ANO 65.º

TELEFONE 362751 — LISBOA ★ A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR
TIRAGEM E EXPANSÃO

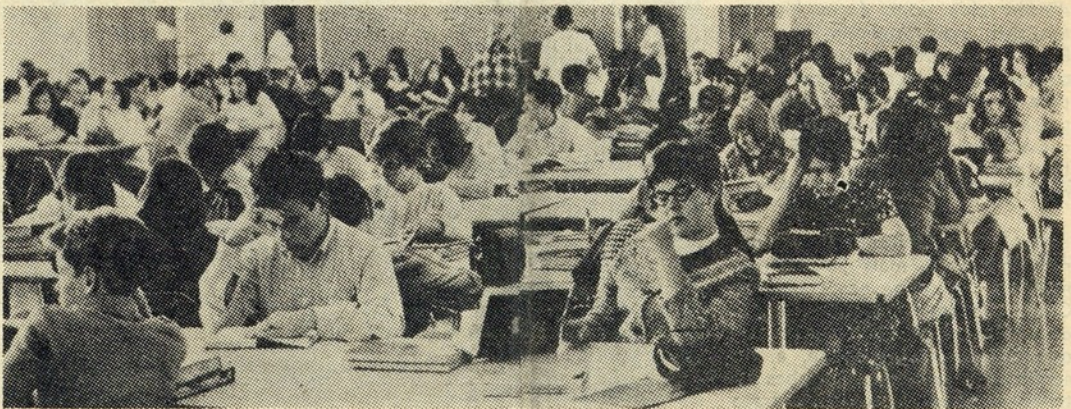
PREÇO AVULSO — 1 ESCUDO



APÓS UM ANO
NUMA «HIGH-SCHOOL»
AMERICANA
DOIS ESTUDANTES
FRANCESES CONTAM



COMO SE VIVE NOS LICEUS DOS ESTADOS UNIDOS



Uma aula no liceu de Marlboro. O ensino não é livresco: o professor fala e os alunos limitam-se a escutar, nem sequer tomando notas

COMO SE VIVE NOS LICEUS DOS ESTADOS UNIDOS

Claudine Bertheau e Maurice Klein, 2 estudantes parisienses, passaram ambos um ano num liceu americano, depois de terem concluído o seu curso liceal em França, no âmbito do programa de intercâmbio do American Field Service, que também já beneficiou várias dezenas de finalistas liceais portugueses. Claudine encontrou-se assim em Marlboro, uma pequena cidade do Massachusetts, 30 quilómetros de Boston, enquanto Maurice entrava na escola de Valley Stream, perto de Nova Iorque. Um e outro estiveram hospedados em casa de uma família americana compreendendo adolescentes da sua idade, inscritos nas mesmas escolas. Graças a eles vamos poder conhecer esse mundo tão mal conhecido, mas apaixonante, da «high-school» (liceu americano).

PERGUNTA — Que é que vos chocou mais quando entraram pela primeira vez num liceu americano?

CLAUDINE — A diferença de atmosfera que existe entre o liceu americano e o europeu. Em primeiro lugar, os edifícios estão construídos no meio de um imenso terreno, rodeados de espaços verdes, e assemelham-se mais a habitações modernas que a um liceu, com a sua repartição harmoniosa em volta dum pequeno pátio florido e as suas salas espaçosas com largas janelas envidraçadas.

A seguir, é preciso dizer que a atitude dos alunos era mais descontraída, mais familiar e também mais ingénua que em França. Ninguém considera o liceu como um local de preparação para a vida e para o trabalho. As pessoas vão lá porque encontram camaradas e se divertem. É muito menos austero que o liceu europeu.

MAURICE — Isso não me parece o ponto mais importante, mas não deixa de ser chocante. Creio que essa diferença depende em parte do programa do dia, que compreende, à tarde, a assistência voluntária aos clubes de todas as espécies, quer se trate de fotografia, de decoração, de trabalhos manuais, ou ainda e sobretudo de actividades desportivas — acrescentando-se estas à hora quotidiana de ginástica que não faz parte das ocupações da parte da tarde, mas dos cursos da

parte da tarde, mas dos cursos da

C. — Esta multiplicidade de centros de interesse explica que mesmo antes do começo das aulas as minhas colegas tenham elogiado tão calorosamente a escola que eu iria frequentar. A escola ocupa um lugar importante na vida dos jovens americanos, porque lhes oferece um ambien-

te duplamente adaptado aos estudos e à vida social.

M. — Por outro lado, encontram-se lá, muito mais que na Europa, «grupos» (a que lá chamam «cliques») que assumem grande importância na vida escolar.

C. — Na verdade existe algo de contraditório na existência desses grupos. A sua constituição parece favorecida por um eleger de 30 ou 40 jovens como na Europa, mas todos os alunos do último ano, por exemplo, são considerados como um grupo único que se divide diferentemente de modo que devia agir precisamente em sentido contrário: os alunos não estão repartidos em clachora para hora, segundo as aulas, na medida em que cada um, ao inscrever-se, escolhe as aulas que manhá.

deseja seguir no conjunto bastante vasto das que lhe são propostas.

M. — Nesta ordem de ideias, devo acrescentar um dado que me parece importante, pelo me-



As actividades desportivas — nomeadamente o futebol americano — ocupam uma parte importante da vida escolar nos Estados Unidos

nos no que respeita à minha escola. Entre nós havia duas «cliques» principais, determinadas pela pertença dos alunos a dois meios étnicos e culturais diferentes. Com efeito, a escola, situada num bairro de maioria judia, contava cerca de 60 por cento de israelitas, cujos pais tinham sofrido bastante com a crise económica antes da guerra, mas tinham vencido as suas dificuldades; esses tinham sido educados num meio desafogado e progressista, de modo bastante liberal. Havia depois uma forte minoria de origem italiana, menos favorecida no plano cultural e económico, em que se sentia simultaneamente uma certa inveja e hostilidade contra os outros.

Era no primeiro grupo que se recrutavam de preferência os fortes em matemática, os membros do conselho dos estudantes, etc. No segundo figuravam os desportistas.

C. — Em Marlboro não tinhamos problemas desse género: a cidade é essencialmente habitada por famílias da classe média desprovidas de tais preconceitos. Mas havia uma «clique» que ditava a lei: reunia os alunos mais «snobs», os que queriam dar que falar de si. Os seus candidatos eram sempre eleitos para os lugares do conselho de estudantes ou escolhidos como o aluno mais popular, tanto mais facilmente quanto os outros rapazes e raparigas, não apreciando essa discriminação, formavam um grupo à parte, mas muito menos poderoso. No meu liceu em França não havia esses grupos.

M. — É sem dúvida porque nos liceus de Paris os alunos vêm de todo o lado e não forçosamente de um bairro. Em Calley Stream, a escola era a emanção de uma comunidade em que toda a gente se conhecia e onde o vizinho fazia parte da vida de cada um.

Enquanto lá estive, passou-se, porém, algo de bastante especial na minha escola. Sendo o grupo de judeus maioritário, era tradicionalmente ele que controlava o conselho de estudantes, o que provocava queixas da parte dos outros — os quais, para dizer a verdade, não se apresentavam sequer às eleições. O conselho cessante experimentou fazer uma campanha para que os italianos elegeassem também os membros do conselho, mas sem resultado. Então os eleitos resolveram nomear seis italianos para fazerem também parte do conselho.

FORTES EM MATEMÁTICA, FRACOS EM HISTÓRIA

P. — Qual é o papel exacto do conselho dos alunos na organização da escola secundária americana?

C. — Em Marlboro era muito limitado. As discussões não davam qualquer resultado e os adultos tratavam os alunos como crianças. O conselho procurava fazer propostas relativas à gestão da escola, mas sem êxito. Em contrapartida, era escutado quando se lamentava, por exemplo, da alimentação: verificava-se imediatamente uma melhoria.

M. — Eu achei, pelo contrário, que a actividade do conselho de estudantes era muito positiva. Em Valley Stream, o conselho conseguiu participar um pouco na administração da escola: conseguiu que contratassem um professor negro e exigiu com êxito a inscrição duma nova matéria no programa: a história dos negros nos Estados Unidos, sem contar com os diferentes cursos, nomeadamente um sobre teatro.

P. — Qual é o nível dos conhecimentos em relação ao ensino europeu?

M. — Isso varia segundo os assuntos e os professores. Os meus colegas eram muito fortes em Psicologia e em Matemática, mas eram fracos em História. Mas é preciso não esquecer que se podem seguir na América dezenas de cursos desconhecidos na Europa: cozinha, costura, trabalhos manuais, a arte de falar em público, etc.

C. — Em Marlboro todos os cursos eram de nível mais baixo que em França, excepto dois: a arte, em que tínhamos um professor notável, e a biologia. Não falo da educação física em que, evidentemente, a superioridade americana é muito considerável.

P. — Em que diferem os métodos educativos empregados nos dois continentes?

C. — Na minha escola, o ensino era muito pouco livresco. O professor falava e os alunos nem sequer tiravam notas. O «contrôle» dos conhecimentos consistia sobretudo em testes. É um sistema que favorece muito mais a memória que a reflexão.

M. — Não estou de acordo com o que disse Claudine. Para

começar, creio que os testes exigem tanta reflexão como memória. Nos Estados Unidos não existe o estudo livresco. Mas a grande revelação para mim foi aquilo a que chamam a «investigação». Cada um escolhia um tema à sua vontade (a juventude, a droga, o F. B. I., Bob Dylan) e devia fazer uma investigação sobre o assunto. A experiência durava quatro meses. Ao fim dum mês, era preciso entregar uma exposição sobre a maneira como a investigação ia ser conduzida; um mês mais tarde, uma bibliografia; um mês depois, um primeiro esboço do relatório; finalmente, o relatório definitivo. Por outro lado, participávamos em visitas em grupo: visitámos assim uma universidade, Wall Street, uma empresa, etc.

P. — Como se organiza o dia escolar?

C. — Em Marlboro, as aulas duravam das 8 às 14 horas, isto é, 6 períodos de 50 minutos, com 10 minutos de intervalo. A tarde é ocupada por actividades facultativas: sessões dos clubes e desportos. A proporção dos alunos que a elas assistem é muito elevada — mais de 50 por cento. O almoço é tomado obrigatoriamente na escola e custa cerca de 7\$00.

M. — Em Valley Stream, o horário é um pouco diferente: das 8 e 40 às 14 e 50 horas, mas o sistema de períodos é o mesmo. O dia começa pelo que se chama o «Home Room». Os alunos são divididos em grupos de 20, e cada grupo tem uma sala que é o seu «home» e onde cada aluno se deve dirigir obrigatoriamente todas as manhãs à sua chegada à escola. É lá que se distribui o trabalho do dia e é lá que os estudantes recebem as mensagens, nomeadamente as do conselho estudantil. Depois toda a gente dispersa para ir para as aulas.

EMPREGOS DE «PART-TIME»

P. — Sem abandonar o domínio da escola, poderão abordar o problema da juventude americana, tal como a conheceram?

C. — Um coisa que me surpreendeu bastante foi ver os alunos dirigirem-se para a escola no seu próprio carro, desde a idade

A TENSÃO DA VIDA MODERNA

ATRAI CADA VEZ MAIS ADEPTOS PARA O ESPIRITISMO

É POSSÍVEL FALAR

COM AS «ALMAS

DO OUTRO MUNDO?»?

A corrida para o irracional, como evasão a uma realidade desagradável — e, para alguns, até insuportável — está em pleno desenvolvimento. O número de pessoas que se dedicam a actividades mediânicas é cada vez maior: donas de casa, de aspecto modesto, secretárias, estudantes, médicos, advogados, reúnem-se à noite em casas particulares para assistir e tomar parte em sessões de espiritismo.

Na presença de um médium assiste-se a fenómenos extraordinários de levitação e materialização e recebem-se mensagens numa língua desconhecida. Segundo uma conhecida médium, «uma sensação de relaxamento por parte dos intervenientes deveria ser a aspiração de todo o bom intermediário entre os vivos e as almas dos defuntos».

As pessoas que participam numa experiência mediânica devem libertar-se, primeiro de todos os objectos metálicos, e sentar-se em seguida em redor de uma mesa de madeira — considerada indispensável pelos peritos para o bom êxito da experiência. Formada assim a «cadeia», é a vez do médium chamar o espírito-guia que irá presidir à sessão; atingido o estado de concentração, a médium entra em transe e começa a falar pela voz da pessoa falecida, objecto do chamamento. Na experiência a que nos referimos, foi a voz do falecido Papa João XXIII que se fez ouvir: «Abenço-vos com a água do Jordão.» Minúsculas gotas de água caíram sobre os presentes e, quando a luz foi acesa, ficaram a brilhar sobre a mesa.

CLUBE PRIVADO

Em Roma existe um clube privado onde se reúnem nomes conhecidos do cinema, da literatura e da política: entre os seus sócios, contam-se Helénio Herrera, a princesa Soraya e o realizador Franco Indovina, Maria Quasimodo, viúva do conhecido poeta italiano Quasimodo. As sessões realizam-se num ambiente bastante tétrico: paredes negras, luzes vermelhas e cadeiras muito incómodas.

Uma das principais atracções é constituída por verdadeiras ou falsas entradas em transe desta ou daquela médium habitual, com consequentes revelações, que se supõe provirem de entidades imateriais.

«A geração actual é formada por pessoas desiludidas — diz o director do clube. — Procuram nos contactos com o mundo das sombras o que não conseguiram encontrar na sociedade tecnológica. O espiritismo ainda se pratica como um jogo de sociedade, mas, dentro em breve, tornar-se-á uma exigência de carácter popular. E é preciso que as pessoas estejam preparadas para entrar nesse mundo um pouco ambíguo, que se presta a enganar. Muitas vezes o erro não é voluntário, mas inconsciente: o falso médium julga ter poderes que não tem, na realidade, e então inventa-os com um excepcional esforço muscular. As nossas sessões vão de um mínimo (movimentos da mesa) a um má-

ximo (formações ectoplásticas). A evocação do espírito de Sharon Tate deu lugar a fenómenos dramáticos: odores fortíssimos, como se se tivesse aberto um túmulo, que perturbaram toda a gente. Manchas de sangue apareceram nas camisas e nos vestidos.

INTERESSES MATERIAIS

Uma famosa médium declarou: «É um pouco como se tivéssemos regressado ao século passado, que foi a grande época da parapsicologia, quando a rainha Vitória e Conan Doyle se interessavam pelo assunto. Quando o príncipe Alberto morreu, a rainha de Inglaterra quis comunicar com ele mas não conseguiu. Até que um criado escocês fez de intermediário, falando com a voz do príncipe. Vitória e o fiel servidor fechavam-se durante horas numa sala: naturalmente, a aventura metafísica tornou-se do conhecimento público. Hoje existem casos análogos: tenho conhecimento de que Ethel Kennedy evoca sempre, com o auxílio de fortes médiuns, a alma do marido.»

A maior parte dos que se socorrem do mundo extra-sensorial são, porém, levados por interesses materiais: perguntam sempre como será a sua vida futura, sobretudo no campo económico.

Marianne Leibl, que foi aluna de Carl Jung durante sete anos em Zurique (Jung é considerado

o «pai» da parapsicologia), tem uma sensibilidade extremamente aperfeiçoada para sentir as «presenças» dos defuntos. Por alguma razão passou a sua infância num castelo medieval! Quando, no tempo em que Luchino Visconti filmava «Sentimento», foi hóspede do realizador na sua casa de Ischia, Marianne admirava-se por ver uma «entidade» sentar-se todos os dias à mesa ao lado de Visconti. Ele não parecia preocupado com a estranha «presença», mas Marianne sentia-se enregelar. Um dia perguntou-lhe: «Quem é a «pessoa» que está sentada a teu lado?»

— Deve ser o meu avô — respondeu, aborrecido, o realizador.

— Devas ocupar-te dele.

— Não tenho tempo — foi a resposta.

— Então, se permitires, eu ocupo-me dele.

— Como quiseses — retorquiu.

E a médium passou a ocupar-se do avô, a quem levava flores e acendia velas.

«No tempo em que Fellini e a mulher, Giulietta Masina, faziam experiências de espiritismo em sua casa, eu era sempre convidada — prosseguiu Marianne Leibl. — Mas eu preferia afastar-me para outra sala com uma garrafa de champanhe. Não posso emprestar o meu

corpo para esses jogos: ser médium é muito cansativo.»

PRESENTIMENTOS

Ouçamos algumas opiniões de pessoas conhecidas sobre as sessões de espiritismo e os fenómenos parapsicológicos em geral.

Maria Cunani Quasimodo — viúva do poeta Salvatore Quasimodo — declarou: «Tenho a certeza, através das experiências e leituras que fiz, de que existem fenómenos que se não integram nas leis físicas normais.

«Em muitas ocasiões da minha vida senti acontecimentos que depois se verificaram; se, por vezes, não digo nada, é para não impressionar as pessoas que vivem comigo.

«Numa reunião espiritista, em que tomei parte como observadora, fui posta em contacto, através dum médium que se exprimia em inglês, com Marilyn Monroe. A actriz disse-me que sentia muita compreensão por mim, porque também ela sofrera, em vida, por um homem, e a sua recordação a atormentava ainda depois de morta.»

O escritor Alberto Bevilacqua afirmou: «É muito grave que os

fenómenos parapsicológicos se tenham difundido a um nível mundano e que o espiritismo (termo bastante impróprio) coincida com as sessões realizadas em volta das mesas de pé-de-galo de certas famílias burguesas. Brincar com estas coisas é muito perigoso, na medida em que o espiritismo pode ser considerado uma relação entre alguns indivíduos e as forças que os ditos indivíduos conseguem captar. A evocação de pessoas falecidas pode provocar desordens psíquicas que terão graves consequências.

«O fenómeno é mais lógico quando se passa com pessoas capazes de entrar naturalmente em contacto com as forças que escapam às leis normais. E há pessoas altamente dotadas no campo das incursões no futuro.

A actriz Giovanna Ralli tem uma opinião muito diferente sobre as sessões de espiritismo. «Não tenho muita confiança nos espíritos, porque tenho medo — confessou. — Creio que, se participasse numa dessas reuniões, podia sofrer uma perigosa nevrose.

«Como «capricórnio» sou levada ao misticismo e ao gosto pelo oculto, mas a educação religiosa que recebi freia-me um pouco a curiosidade.

(Continua na pág. 6)



Marianne Leibl (à esquerda) e Franca Z. (à direita) são duas «medium» famosas. Marianne foi aluna de Carl Jung durante sete anos. Franca começou a sentir os primeiros «sinais» aos 15 anos: o seu espírito-guia é Donatello

COMO SE VIVE NOS LICEUS DOS ESTADOS UNIDOS

(Continuado da pág. 3)

dos 16 anos. Isso pressupunha que tinham trabalhado para o comprar. Efectivamente, grande número dos meus colegas não podiam assistir às actividades do clube porque tinham empregos de «part-time» que lhes proporcionavam ordenados relativamente compensadores. Trabalhavam nos «drugstores», vendiam gelados ou estavam empregados em armazéns das 14 e 30 às 19 horas. À medida que o ano avançava, aumentava o número dos que estavam empregados.

M. — Numa outra ordem de ideias, fiquei chocado com a atitude superficial da maior parte dos meus camaradas. A escola americana não é um mundo real. Os alunos não têm problemas: tudo lhes é facilitado e eles não se preocupam com o futuro. Daí a sensação de um grande vazio, que procuram preencher com o álcool e a marijuana. Em França, o vazio, se se verificasse, se-

ria preenchido pelo trabalho intensivo a que os jovens estão submetidos.

C. — Também achei os meus colegas americanos menos maduros que os europeus da mesma idade. Em Marlboro, as conversas giravam em volta das férias, do desporto, dos meios de arranjar um emprego e de ganhar dinheiro. Pelo que pode ver, os jovens são mais fúteis do que na Europa.

M. — Na Europa vai-se ao liceu para estudar, acessoriamente para se treinar na prática de um desporto uma tarde por semana. Quando as aulas acabam, a meio da tarde, os alunos voltam para casa. E para quê? Para estudar mais ainda. Digamos que os europeus têm mais preocupações e o trabalho escolar lhes toma mais tempo.

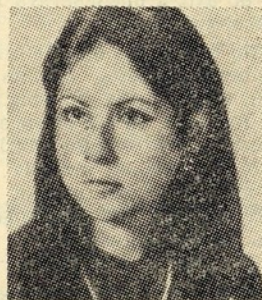
C. — Evidentemente, a maior parte dos estudantes americanos concede maior atenção à vida para-escolar do que aos estudos. A ausência de exame no último ano do liceu leva-os a tomar uma atitude completamente diferente dos europeus. A única condição para se obter o diploma do liceu é manter-se num nível suficiente. Além disso, a vida social da escola americana compreende um certo número de ritos e de tradições que assumem uma importância considerável para cada aluno.

No princípio do ano escolar, por exemplo, disputam-se jogos de rúgubi entre as diferentes escolas da região. A maior parte dos alunos assiste a esses jogos na qualidade de adeptos ferrenhos, sob a direcção das «Cheer Leaders», grupo formado por uma dezena de raparigas americanas seleccionadas pelas suas qualidades de bailarinas, a sua popularidade, a sua beleza, e encarregadas de encorajar os jogadores.

Uma outra tradição importante: a «Prom», um baile em vestido de noite dado uma vez por ano pelo alunos do último ano. Os preparativos do baile são talvez os melhores momentos. Um «comité» está encarregado de decorar o ginásio para a festa e os seus membros consagram a essa tarefa todos os seus momentos livres durante mais de um mês. Chega finalmente o grande dia, que se resume a um desfile das

«toilettes» acompanhado pelos comentários de cada um e seguido dum jantar num grande restaurante.

A festa tradicional que põe ponto final a este período da vida dos americanos é a cerimónia da entrega dos diplomas do fim do curso: «Graduation». Os pais ouvem distraidamente os intermináveis discursos que quase já sabem de cor (ao longo dos anos poucas palavras têm mudado!), enquanto o seu filho, envergando a toga, se prepara para entrar no mundo dos adultos.



Claudine Bertheau, seguiu, durante o último ano lectivo, o curso dos finalistas do liceu de Marlboro, no Massachusetts



Maurice Klein, antigo aluno de um liceu de Paris, e actualmente estudante de Ciências Políticas, passou um ano numa «high-school» americana, perto de Nova Iorque

É possível
falar com as
almas d
outro mundo?

(Continuado da pág. 5)

«Na minha vida só uma vez tive uma sensação que não fui capaz de explicar de modo natural. Encontrava-me na Cidade do México pela primeira vez e tinha de me dirigir a um certo endereço: com espanto, apercebi-me de que podia ir lá ter sem perguntar onde era. Tinha a certeza matemática de já ter estado naquele local numa época preexistente da minha vida. Sugestão? Quem sabe...»

Alívio nas hostes monárquicas norueguesas

O PRÍNCIPE HERDEIRO VAI SER PAI



A próxima maternidade da princesa Sonja da Noruega é evidenciada nesta foto recente, obtida em Oslo

A chegada da princesa Ana de Inglaterra para uma breve visita ao extremo norte da Europa coincidiu com o acontecimento que os noruegueses partidários da monarquia esperavam ansiosamente há muito tempo: a certeza de que Sonja, a mulher do príncipe herdeiro Harald, espera um filho. Numa altura em que muitos cidadãos dos três países nórdicos começam a dar-se conta do anacronismo que constitui um regime monárquico em pleno século XX, a ausência de herdeiro ao trono do país dos fiordes começava a preocupar os partidários da realeza. Para o príncipe Harald e sua mulher, após três anos de casamento e muitas esperanças desiludidas, ter um filho parecia também um sonho impossível. Mas tanto eles como muitos dos seus futuros súbditos, porém, podem agora ficar descansados: a próxima maternidade de Sonja é um facto insofismável.

A jovem princesa Ana deslocou-se à Noruega para ornar com a sua presença a manifestação anual a favor das crianças abandonadas. A saída do avião foi acolhida com grande efusão por Harald e Sonja. Esta, de face radiante, ofereceu-se logo para ser sua cicerone durante a sua breve estada. E foi nesse momento que os fotógrafos presentes colheram uma imagem, dir-se-ia bastante embaraçada, da princesa Ana: com efeito, acabava de se dar conta do avançado estado de gravidez de Sonja, que, nas suas condições, sentiria certamente grande dificuldade em desempenhar o encargo.

O anúncio oficial da próxima maternidade de Sonja já foi dado, num sinal evidente de que já foi superado o período «crítico». Os monárquicos estão tranquilos, enquanto os republicanos me-

nos condescentes, que esperavam ver surgir um «problema dinástico», terão de recorrer a outros argumentos. Mas a Noruega é um país bastante civilizado — e, perante a próxima realização do mais ambicionado desejo pessoal do casal, todos se congratulam, independentemente das suas convicções.

O receio da possibilidade de uma brusca interrupção da maternidade não era infundado: a princesa esperou um filho três vezes — e sempre a maternidade foi interrompida por complicações imprevisíveis. Da última vez, foi transportada de urgência, em plena noite, ao hospital de Fredrikstad. E quem viu Harald nesses momentos apercebeu-se da sua angústia, evidente mesmo sob a sua aparente frieza. «O príncipe não pensava certamente em assegurar a continuidade da dinastia — dizem testemunhas —, mas apenas na mulher.»

Depois dessa difícil intervenção, Sonja perdeu grande parte da alegria que a caracterizava. Mas não renunciou ao seu sonho de vir a ser mãe. Essa obstinação, humanamente compreensível, sugeriu-lhe, há alguns meses, a ideia de adoptar um filho: um órfão vietnamês poupado aos horrores da guerra. Uma criança que, certamente, não poderia vir a reinar sobre o trono da Noruega, mas que seria, para ela e o marido, um verdadeiro filho. Os trâmites legais da adopção encontravam-se exactamente em curso, quando se manifestaram os primeiros sinais da nova maternidade de Sonja.

«Para mim, será o «segundo filho». O meu primogénito é a criança vietnamesa que eu e Harald decidimos adoptar — afirmou imediatamente Sonja. — Uma das duas crianças, aquela que irá nascer, será a herdeira do trono: mas ambas terão, da nossa parte, as mesmas atenções e o mesmo afecto.»

Deste modo, no palácio real de Oslo, prepara-se uma «nursery» para duas crianças. É o quarto mais ensoalheado, e está decorado de maneira alegre: berços e móveis vermelhos, encostados a paredes pintadas de todas as cores, para criar um «ambiente de felicidade», como diz Sonja.

Esquecidos os 3 anos de ansiosa espera e a crise de

depressão em que tombara a princesa superou também as polémicas e amarguras que acompanharam o seu casamento com Harald: os 10 anos de noivado secreto, hostilizado pelo rei Olav porque Sonja era a burguesíssima filha de um comerciante de tecidos; as tentativas da rainha Frederica da Grécia para casar Harald com a filha Irene (que, aliás, continua solteira); e, finalmente, o boato mais maldoso, difundido na própria véspera do matrimónio: que Sonja e Harald tinham de casar, «por motivos de força maior». Talvez para responder a esta insinuação, Sonja escolheu para a faustosa festa nupcial, no dia 29 de Junho de 1968, um vestido de linhas audazes, que sublinhava as suas formas elegantes, onde não se vislumbrava qualquer traço de maternidade.

Sonja tem hoje 33 anos, menos 1 que o seu consorte.

Antes de conhecer a sua futura esposa, Harald era conhecido por «o príncipe sem sorriso» e a definição ia-lhe a matar: tratava-se, com efeito de um jovem introvertido, sorumbático e melancólico. O encontro com Sonja transformou-o e talvez por isso Harald se mostrou tão intransigente: ou Sonja ou nenhuma. Foi uma autêntica batalha, que durou 10 anos, ao fim dos quais o rei Olav teve de ceder. E Harald não hesitou até em empregar uma pequena chantagem, quando afirmou: «Nem quero ouvir falar das princesas reais. Se não casar com Sonja fico solteiro e a dinastia extinguir-se-á.»

Há 742 anos que as mulheres dos reis noruegueses eram sempre estrangeiras. Foi Harald o primeiro a quebrar a tradição. E, como nos finais felizes dos contos de fadas, casou com uma norueguesa e vai ter, pelo menos, 2 filhos.



Ao chegar à Noruega, a princesa Ana de Inglaterra foi recebida por Harald e Sonja.